

# Garis param para manter o diretor

JORNAL DE BRASÍLIA

15 FEV 1995

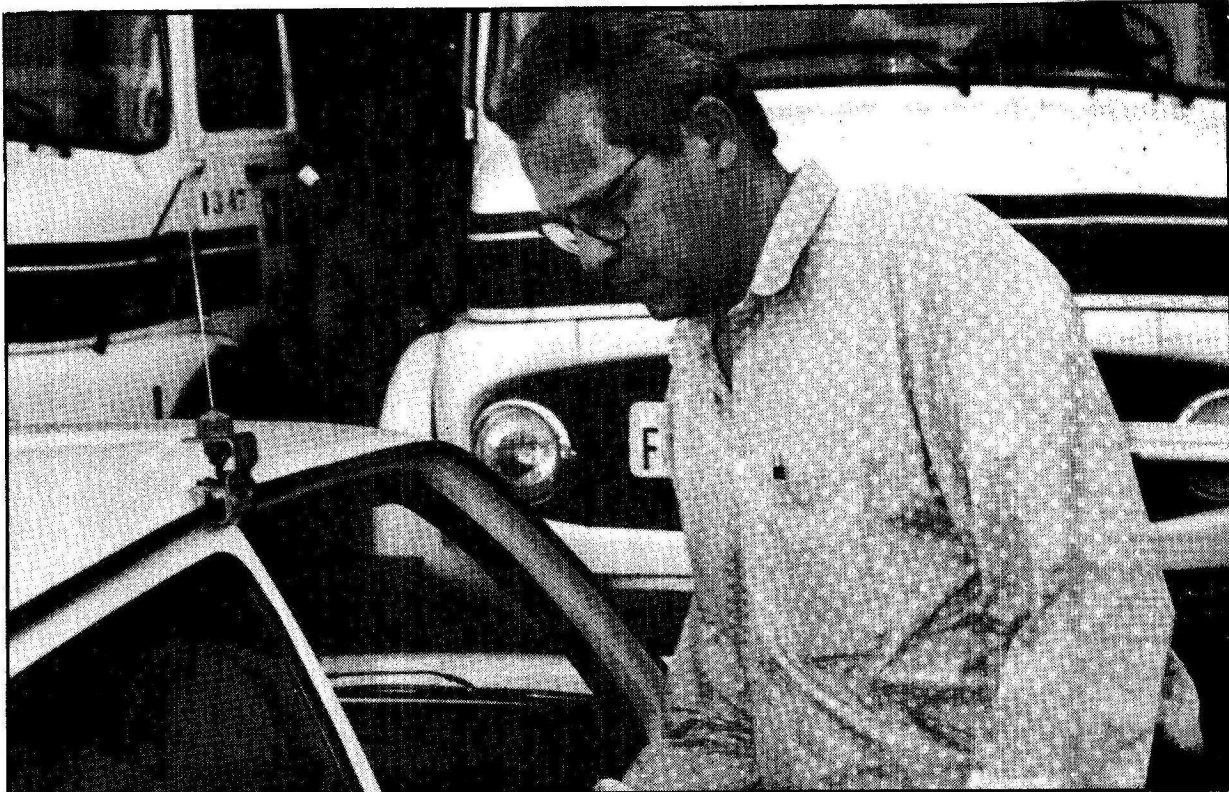
Os 150 funcionários do SLU fizeram uma paralisação durante todo o dia de ontem, inconformados com o afastamento do diretor de Manutenção, José Marinho Alcântara. Uma reunião a portas fechadas entre a diretoria do órgão, o diretor demissionário e representantes do funcionalismo, não conseguiu reverter a situação. Os funcionários acusam o governo Cristovam de "corporativismo", porque consideram a indicação de diretores importados, como o próprio diretor-geral Luciano Sales Oliveira, originário do Banco Central, uma contradição de sua política de gestão democrática e participativa. A paralisação ou não do setor hoje, depende do resultado da reunião realizada ontem à noite da diretoria do SLU com o secretário do Meio Ambiente, Chico Floresta.

José Marinho foi o único nome indicado pelo funcionalismo do órgão que passou pelo crivo da diretoria. Agora, o pedido de demissão do diretor revolta os funcionários. Segundo o pessoal da área, Marinho é um excelente técnico, interessado em melhorar o setor, além de seu lado humano. "Ele conversa com a gente, entende nossos problemas", disse um funcionário, que preferiu não se identificar com medo de represálias.

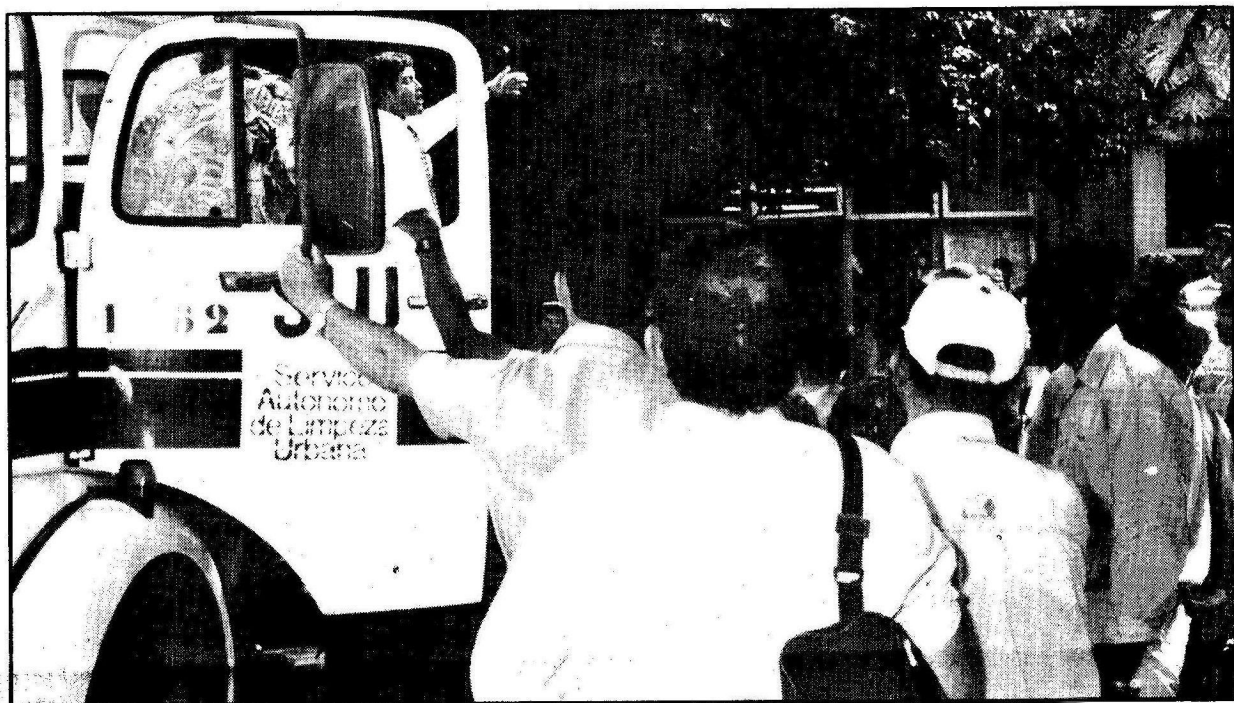
O presidente do SLU disse que a categoria estava equivocada com relação à demissão de Marinho e que as informações sobre perseguição política eram "artificializadas". "A nossa política é a de não privilegiar corporativismo no órgão", explicou Sales. A indicação do diretor administrativo-financeiro, Inimá Nascimento Silva e de Operações, João José Azevedo também não agrada ao funcionalismo. Silva é originário da administração pública federal e Azevedo da área de saneamento do Estado do Ceará, ou seja, muito distantes da esfera do SLU. Mas os problemas não param por aí.

O chefe de oficina do setor de Manutenção trabalha há um mês sem ser nomeado, nem receber pagamento. O antigo chefe e ao mesmo tempo, atual chefe, porque ainda não foi exonerado, não voltou das férias que acabaram no final de janeiro. O presidente do SLU tentou explicar dizendo que o chefe está usando folgas regulamentares. "Não vamos destituir quem está em férias", justificou Sales. Em Ceilândia a situação também é delicada, porque o atual chefe do distrito não agrada aos funcionários, muito menos o nome indicado para assumir.

**Queixas** — Responsável pela frota de 300 veículos, incluindo caminhões, máquinas pesadas e kombis,



José Marinho foi o único indicado pelos servidores do SLU e sua demissão provocou a paralisação



Os funcionários do SLU exigem o retorno do diretor e recusam as nomeações de estranhos ao setor

o setor de Manutenção vem enfrentando sérios problemas desde a gestão Roriz. Casos de roubos de peças eram comuns, segundo fontes da área. O conserto dos veículos atualmente acontece porque as firmas vencedoras das licitações enviam de vez em quando algumas peças. Alguns funcionários contam que pneus eram levados de caminhão para destino desconhecido, que certamente não era para manutenção.

Não existe um quadro de carreira no SLU. Os concursados para o órgão, como auxiliar, técnicos ou assistentes acabam ocupando funções que nem mesmo existem no quadro, como as de mecânico e eletricista. Quando o órgão passou a

integrar o regime estatutário, funcionários antigos que não tinham segundo grau, foram prejudicados.

Cícero Lima, diretor do Sindser, classifica o protesto como político. Ele diz que o órgão deveria respeitar a indicação do funcionalismo no caso Marinho. "A categoria confia no Marinho, ele é íntegro, e nós queremos substituir quem defende o sucateamento e os roubos que acontecem no SLU", bradou o sindicalista. Lima relatou que na gestão anterior alguns funcionários chegaram a ser torturados em delegacias da cidade, para confessar o roubo de peças. Um dos funcionários que teria sido torturado está em férias e o outro não foi localizado. As graves acusações,

no entanto, não são privilégio do governo Roriz. Divino Cirineu Souza afirmou ter recebido proposta do presidente do SLU para que influenciasse os funcionários no caso Marinho. "O Sales me ofereceu um DFG, uma espécie de gratificação de cargos de confiança, mas eu não aceitei", contou o motorista do setor, filiado ao PT e membro da comissão de negociação.

Sem dúvida, é um grande abacaxi para o governador Cristovam Buarque descascar. Segundo o presidente do SLU, o programa de Gestão Participativa discutirá várias questões, mas o problema com as indicações deverá merecer prioridade por parte do governo.